

## **ACOMPANHAMENTO PERSONALIZADO COM ADOLESCENTES RESIDENTES EM CASAS DE ACOLHIMENTO**

Isabella Hellen Estevão da Silva<sup>1</sup>; Daniela Lina Pereira de Souza<sup>1</sup>; Geane Lacerda da Silva<sup>2</sup>;  
Quezia Vila Flor Furtado<sup>4</sup>

*Universidade Federal da Paraíba - UFPB*

*isabellahellen@gmail.com; daniela.igaracy@gmail.com; geanelacerda12082015@gmail.com;  
queziaflor@yahoo.com.br*

### **INTRODUÇÃO**

Através de pesquisas já realizadas no que se refere ao processo de escolarização de crianças e adolescentes que estudam em escolas públicas, pode-se constatar algumas problemáticas que reforçam questões como: Baixa escolaridade, dificuldade de aprendizagem, evasão, repetência, entre outros aspectos que contribuem para o insucesso escolar, embora o fracasso não esteja completamente relacionado ao sistema de ensino e sua precariedade, na maioria dos casos se manifesta através de fatores sociais, tais como: Vulnerabilidade, conflito familiar, instabilidade econômica, etc. Estes atingem diretamente o desempenho escolar, na medida em que afetam o campo emocional e cognitivo dos jovens que vivenciam tais circunstâncias.

Diante disso, deu-se por meio do PROBEX/2016- (Programa de Bolsa de Extensão) – UFPB, o projeto intitulado *A escolarização que promove superação de dificuldades e necessidades de aprendizagem da vida de adolescentes residentes em casa de acolhimento*, o qual atuou com acompanhamento personalizado de adolescentes residentes em casas de acolhimento, os quais apresentavam distorção idade/ano na escola e situações de fracasso escolar. Mesmo com financiamento precário, visto que este não atendia a demanda de bolsas suficientes para todos os graduandos, este fator não impossibilitou o alcance de resultados positivos, bem como o desenvolvimento acadêmico dos graduandos (voluntários/bolsistas) que através de suas experiências adquiridas tiveram acesso a uma formação mais crítica, humana e cidadã.

Em continuidade e ampliação das ações desenvolvidas no PROBEX - 2016, as atividades foram assumidas pelo PET- Programa de Educação Tutorial PET/CONEXÕES DE SABERES - Protagonismo Juvenil em Periferias Urbanas, tendo assistência de graduandos orientados por um docente com enfoque a pesquisa, ensino e extensão.

O presente trabalho tem como objetivo apresentar e discutir sobre o PET,

especificamente sobre os acompanhamentos personalizados que são realizados pelos graduandos/mediadores com adolescentes que residem em casas de acolhimento<sup>1</sup>, buscando contribuir com a superação das suas necessidades e dificuldades de aprendizagem.

## **2 METODOLOGIA**

Por se referir a relato de experiência das ações desenvolvidas no acompanhamento personalizado com adolescentes residentes em casas de acolhimento, o presente trabalho baseia sua metodologia com uma abordagem bibliográfica e descritiva. Identifica-se como bibliográfica por “[...] partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.” (GIL, 2008, p.50). Considerando que nossa base de reflexão partiu de leituras de autores que discutem sobre vulnerabilidade social, motivação e aprendizagem.

Destacamos também com a abordagem descritiva, por ter como “[...] objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis.” (GIL, 2008, p.28). Por esta abordagem é que descrevemos ações realizadas como mediadores educacionais junto a adolescentes residentes em casas de acolhimento.

## **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O documentário dirigido por Ângela Barros (2006)<sup>2</sup>, destaca que no Brasil existe cerca de 80 mil crianças e adolescentes que pertencem a instituição de acolhimento, destes, apenas 4,6% são órfãos, 7% pertencem a famílias que estão desaparecidas e 87% tem família, no entanto, viviam em situações de maus tratos, como por exemplo: violência física/sexual, abandono, carência financeira, pertencentes a família ou comunidade onde ocorre o tráfico de drogas, vícios, entre outros aspectos.

De modo geral, esses sujeitos descendem de situação denominada de vulnerabilidade social.

---

<sup>1</sup> De acordo como Plano Estadual de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência familiar e comunitária (2015), a instituição de acolhimento é um serviço que oferece acolhimento provisório para crianças e adolescentes, afastados do convívio familiar por meio de medida protetiva de acolhimento (ECA, Art. 101), em função de abandono ou cujas famílias ou responsáveis encontrem-se temporariamente impossibilitados de cumprir sua função de cuidado e proteção, até que seja viabilizado o retorno ao convívio com a família de origem ou, na sua impossibilidade, encaminhamento para família substituta.

<sup>2</sup>Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HVDtiSk7dPw> Acesso em: 01 de Setembro de 2017, às 9:50

[...] Vulnerabilidade social é uma denominação usada para caracterizar famílias expostas a fatores de risco, sejam de natureza pessoal, social ou ambiental, que coadjuvam ou incrementam a probabilidade de seus membros viverem a padecer de perturbações psicológicas (PRATI, COUTO, KOLLER, 2009, p. 404 *apud* RAPOPORT; SILVA, 2013, p. 2)

É importante frisar que essa condição não está apenas ligada ao aspecto financeiro, Rapoport e Silva (2013), citam que se trata também de uma determinada família ou comunidade que se apresentam vulneráveis por estarem fragilizadas, suscetíveis a fatores de risco e impossibilitadas de modificar a condição atual.

A baixa escolaridade é uma característica que se sobressai nessa camada proveniente da vulnerabilidade social, e conseqüentemente dos jovens residentes nas casas de acolhimento, que consideram a escola uma segunda opção, já que em sua maioria foram instruídos a considerarem outras necessidades como prioridade, como por exemplo, a carência de renda que é vista como circunstância maior e imediata para a sobrevivência, como bem enfatiza Rapoport e Silva (2013).

Uma das principais ações do PET/Conexões de Saberes – Protagonismo Juvenil em Periferias Urbanas está vinculada ao subprojeto LEHIA - Letramento e Escolarização a partir de Histórias Individuais para Autonomia, no qual, atuamos como mediadoras educacionais no acompanhamento personalizado, onde acompanhamos um ou dois adolescentes, por duas horas semanais, intervindo junto as atividades escolares e/ou situações percebidas que exigem outras reflexões para além da escola, ou até mesmo o investimento em processos de leitura e de escrita. Em nossa curta experiência, podemos destacar algumas características que esses adolescentes carregam consigo no que se refere ao aspecto escolar: Indisciplina, desmotivação, resistência à escola, fracasso escolar e distorção idade/ano. Todas essas características interferem na sua formação tanto como aluno quanto como cidadão. Ora, se um dos objetivos principais das casas de acolhimento é a formação da autonomia visando o seu sucesso ao desvincular-se das instituições, como seria possível um resultado positivo em relação a essa expectativa se os adolescentes não atingem maiores graus de escolaridade para serem considerados pela sociedade “capazes” e bem sucedidos? É, portanto, essa premissa que propomos a nossa reflexão, ou seja, tentamos através de nosso acompanhamento personalizado possibilitar aos adolescentes estímulos para que os mesmos se desenvolvam no contexto escolar e atinjam os objetivos necessários para sua formação, proporcionando também sua autonomia para que estes alcancem o sucesso pessoal e profissional.

Acompanhamento personalizado refere-se a uma mediação com esses adolescentes residentes de casa de acolhimento, que apresentam dificuldades

no desempenho escolar e/ou que estão em situação de distorção idade ano. Inicialmente devemos conhecer esses adolescentes, estar aptos a identificar suas dificuldades e interferir de maneira significativa, de forma a promover situações favoráveis à aprendizagem, tendo o adolescente como protagonista desse processo.

Além disso, visamos por meio dessa mediação promover um melhor desempenho no âmbito escolar, os auxiliando nas atividades, promovendo exercícios diferenciados, contribuindo com uma nova visão ao processo de ensino e aprendizagem e possibilitar a conscientização sobre a sua capacidade de aprender e ressignificar suas histórias de vida. Contudo, essa mediação e relação com esses adolescentes nem sempre se dão de maneira espontânea, na maioria das vezes nos deparamos com rejeição e desmotivação por parte dos mesmos, que só é desconstruída após um processo de insistência dialogada que partem de nós, mediadores.

Diante nossas observações, percebemos que devido a precariedade da maioria das escolas públicas, muitas vezes esses adolescentes com dificuldades de aprendizagem não recebem o adequado acompanhamento, isso está relacionado a diversos fatores: escolas e salas de aula superlotadas, professores sobrecarregados, falta da atuação de psicopedagogos e psicólogos nas instituições escolares, desvio de função de profissionais, falta de investimento dos poderes públicos, entre outros. Esses aspectos contribuem ainda mais para a defasagem da aprendizagem, sendo agravado pela própria situação de vulnerabilidade em que vivem..

Segundo Rapoport e Silva (2013), muitos professores têm o hábito de rotular um aluno e a partir dessa rotulação minimizar suas capacidades, e utilizam como justificativa a condição social, ou qualquer outro fator que o coloque em posição diferente dos demais, essa concepção se percebida pelo jovem acaba por destruir suas perspectivas em torno da educação, bloqueando, assim, sua aprendizagem e motivação, fator esse indispensável para sua formação.

A motivação do aluno é uma variável relevante do processo ensino/aprendizagem, na medida em que o rendimento escolar não pode ser explicado unicamente por conceitos como inteligência, contexto familiar e condição socioeconômica (LOURENÇO; PAIVA, 2010, p. 133)

Em nossa atuação, devemos seguir orientações já estabelecidas por Vygotsky para as equipes pedagógicas:

As equipes pedagógicas das escolas precisam motivar, elogiar, encorajar, fortalecendo o avanço da zona de desenvolvimento proximal a fim de que a criança possa sentir-se estimulada e valorizada para continuar tentando (VYGOTSKY, 1989, p.69 *apud* CARARA, p.18)

Sabendo da necessidade de afeto e dificuldade de aprendizagem desses adolescentes que residem em casas de acolhimento, devemos nos relacionar com resiliência<sup>3</sup>, a fim de não somente instruí-los e mediá-los com assuntos e atividades, mas também estabelecer o ato do diálogo e do ouvir, a fim de minimizar aspectos psicológicos que interferem negativamente para o êxito da aprendizagem.

## **CONCLUSÕES**

Ao nos depararmos com a realidade dos jovens residentes em casas de acolhimento, podemos observar os muitos fatores que interferem no desenvolvimento de aprendizagem desses sujeitos, desde o campo judicial, político, histórico até as sequelas psicológicas que ficam impregnadas em suas memórias que contribuem para desmotivar em relação à escola.

É nessa perspectiva, que compreendemos a necessidade e a importância do acompanhamento personalizado no que se refere ao alcance da autonomia desses jovens, visto que, após atingirem a maioria serão desligados das casas, um fator complicador na medida em que na maioria das vezes eles ainda não estão preparados para lidar com os desafios da sociedade, pois uma vez que esse processo ocorre não existe um acompanhamento complementar, e quando existe, este não é eficiente.

Através das atividades do projeto constatamos também a necessidade da presença de um profissional pedagogo, visto que nas casas contamos com um assistente social e um psicólogo. Assim, percebendo a importância da escola na vida destes adolescentes a dificuldade de diálogo entre esta e as casas, fator responsável por comprometer também a aprendizagem dos adolescentes, é essencial a atuação do pedagogo para que essa mediação entre as duas instâncias possa ocorrer de forma mais significativa, para que os profissionais que atuam nas instituições escolares sejam devidamente informados das problemáticas presentes na vida dos alunos residentes das casas, e se sintam mais preparados para lidarem com os mesmos e suas particularidades. .

Em face aos fatos apresentados, fica evidente os diversos fatores que implicam diretamente não somente na vida pessoal deste adolescente mas também na sua vida escolar. É neste sentido, que se apresenta a necessidade de políticas públicas mais eficazes que possam possibilitar a estes os subsídios necessários para o alcance de sua independência.

---

<sup>3</sup>Resiliência é, segundo Laranjeira (2007) apresentada por muitos como um fenômeno, um funcionamento, ou ainda, por vezes, como uma arte de se adaptar às situações adversas.

Por fim, percebemos a importância da ampliação do projeto, principalmente no que se refere aos acompanhamentos personalizados, que são tentativas de contribuição para a conscientização e empoderamento para atuação destes sujeitos no e com o mundo.

## **REFERÊNCIAS**

BASTOS, Ângela. O que o destino me mandar. Produção, roteiro e direção de Ângela Bastos. Santa Catarina. 2006. 59 min.

CARARA, Mariane Lemos. DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM E VULNERABILIDADE SOCIAL SOB A PERCEPÇÃO DA COMUNIDADE ESCOLAR.

FURTADO, Quezia Flor. Protagonismo Juvenil em periferias urbanas. João Pessoa: UFPB, 2017

GIL, Antonio Carlos Métodos e técnicas de pesquisa social/ Antonio Carlos Gil. - 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.

LOURENÇO, Abilio Afonso; PAIVA, Maria Olimpia Almeida de. A MOTIVAÇÃO ESCOLAR E O PROCESSO DE APRENDIZAGEM. **Ciências & Cognição**, Porto, v. 15, n 2, p. 132-141, 2010.

RAPOPORT, Andrea; DA SILVA, Sabrina Boeira. Desempenho escolar de crianças em situação de vulnerabilidade social. **REVISTA EDUCAÇÃO EM REDE: FORMAÇÃO E PRÁTICA DOCENTE**, Itacolomi, v. 2, n. 2, p. 1-26, 2013.